

Antes das perguntas propriamente ditas, dei uma explicação inicial sobre o porquê da entrevista.

1- Aprenderam ou desenvolveram algumas novas técnicas para utilizar nos instrumentos/voz?

Tiago- Tudo!

Eu- Tudo? Já tinhas tocado instrumentos antes?

Tiago- Sim.

Eu- Se calhar tudo não há de ter sido, mas alguma coisa mais específica.

Maria- Se calhar ele não tocava tanto assim sempre mais melodia...

Eu- A fazer?

Maria- Melodia.

Eu- Melodia?

Maria- Sim, definida.

Eu- No xilofone?

Maria- No metalofone.

Eu- Das coisas que têm que ver com a utilização de baquetas, utilização de instrumentos, coisas que vocês pensassem que fossem de uma maneira e depois na volta tivessem aprendido alguma técnica.

Rui- Jogos de sinos.

Eu- Tens é de dizer mais pois eu não sou adivinho.

Rui- Nos jogos de sinos estar a fazer aquele ritmo.

Eu- Manter aquele ritmo... E estás a fazer com as mãos alternadas?

Rui- Sim.

Eu- E é uma coisa que, das outras vezes ou das poucas vezes que tinhas tocado jogos de sinos não fazias?

Rui- Não.

Eu- Utilizavas só a mão direita?

Rui- (Acena afirmativamente)

Eu- Há assim mais alguma aprendizagem técnica que vocês tenham feito nos instrumentos de percussão indefinida, que vocês tenham destacado.

Inês- Eu aprendi a tocar o prato. Eu não sabia.

Maria- Ela tocava por baixo.

Eu- Batias por baixo o prato não era. E tu estás a fazer um crescendo no prato?

Inês- Sim.

Eu- O som vai crescendo de intensidade não é?

Maria- Agora já não é ela.

Inês- Pois mas durante algum tempo... passou para quem?

Maria- (Levanta o dedo)

Eu- Quem é que está a fazer o prato?

Maria- Eu agora estou no piano porque ela quis ir para ali (aponta para o metalofone baixo).

Inês- Nós ainda não sabemos bem... Nós sabemos os instrumentos mas não sabemos que é que vai para lá!

Maria- Porque agora entram bongós.

(O David e a Inês discutem as posições a ocupar)

Eu- Mesmo em relação ao sintetizador, que vocês chamam o piano, vocês já sabiam onde ficavam as várias notas musicais no teclado ou não?

Maria- (Acena a cabeça negativamente)

Inês- Não, eu conto-as!

Maria- Sim, nós também contamos.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA FINAL 04 DEZEMBRO- GRUPO 1

Inês- Eu sei que é 20 e depois conto-

Eu- Mas vocês não se lembram de no ano passado eu ter mostrado com o teclado onde é que ficava o Dó em relação às teclas pretas do piano? Que eram 2 pretas e 3.

Maria- Sim!

Eu- É a tecla branca exatamente antes da primeira preta do conjunto de duas.

2- Para vocês quais são as principais diferenças entre improvisar e compor?

Maria- Para mim improvisar é tocar aquilo que nós estamos a lembrar na hora e compor é pensar no assunto e escrever uma melodia ou assim. Ter algo pensado e tocar aquilo que pensámos antes e está definido (no momento??).

Inês- Improvisar é estar num espetáculo e fazer aquilo que nos vem à cabeça. Compor é mais ter uma ideia e trabalhar mais sobre essa ideia, organizar mais as coisas até formar, criar algo que dê certo.

Eu- E acho que a improvisar pode não...

Inês- Pode não dar bem.

Eu- Pode não ter sentido?

Inês- Podemos ter uma ideia na cabeça e...

Maria- (aponta para o xilofone) Depois ao passar para aqui não dar certo.

David- Para mim improvisar é, tal com elas disseram, no momento criar alguma coisa e compor é pensar mesmo muito, escrever uma melodia e depois sim aplicá-la, trabalha-la mais.

Eu- E esse trabalha-la mais pode querer dizer ir modificando coisas é?

David- (Acena afirmativamente)

Eu- E tu Tiago, qual é a tua ideia?

Tiago- É a mesma.

Eu- É a mesma coisa. Não queres acrescentar nada Rui?

Rui- Sim. Improvisar é fazer uma coisa que nos vem à cabeça logo à primeira hora e depois compor é pensar numa coisa e depois ir trabalhá-la.

Eu- Vocês quando falam em escrever é mesmo escrever na pauta?

Inês (David e Maria também concordam)- Sim.

Eu- Escrever com as notas na pauta, com o ritmo e a altura das notas.

Maria- Nós quando dissemos que era LáFáLáMi nós não escrevemos na pauta.

Eu- Então o que é que acham que aconteceu nas últimas sessões em que nós não tínhamos nada escrito, mas que temos algumas das ideias acabam por ser desenvolvimentos de coisas que já aconteceram antes, mas se calhar não exatamente igual.

Maria- Se calhar, um toca numas notas e nós pelo som conseguimos definir as notas que ele está a tocar e tocamos uma nota que se consiga ligar com essa.

Eu- Isto aqui se calhar é um conceito um bocadinho diferente de improvisar, porque nós não estamos propriamente cada vez que nos encontramos a fazer...

Maria- A tocar sempre a mesma coisa.

Eu- Mas por outro lado não estamos também sempre a fazer coisas diferentes.

Maria- Não.

Eu- Porque há coisas que se vão mantendo de uns dias para os outros.

Maria- Mas por exemplo, aquilo que nós vamos fazer hoje é completamente diferente de todas as outras.

Inês- Porque a primeira ideia que nós tínhamos correu muito mal. Nós só nos concentrámos nos sons, tipo portas a bater, cadeiras a arrastar e esquecemo-nos completamente da melodia.

Eu- Da melodia ou, neste caso, da parte musical mesmo. Viram mais os efeitos.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA FINAL 04 DEZEMBRO- GRUPO 1

Inês- Sim! Esquecemo-nos completamente. Só pensámos em cadeiras, nos pés a andar e não pensámos em melodia. Então tivemos de começar do zero e tentar fazer as coisas.

Maria- E depois não corria muito bem aquilo que nós estávamos a pensar.

Inês- Nós concentrámo-nos mais nas melodias e depois foi ficando completamente diferente e as idéias algumas não davam bem e tivemos de começar sempre de novo.

Eu- Isso se calhar prende-se com uma outra coisa que nós vamos falar a seguir que tem mais um bocadinho a haver com as questões de organização do próprio grupo.

Maria- Na primeira vez juntámos xilofones e metalofones ao mesmo tempo e uns estavam a fazer melodias completamente diferentes das outras, daquilo que tínhamos definido e ficou muito esquisito.

Eu- Os metalofones com os xilofones.

Maria- Não não! Havia sons que combinavam mas outros que completamente não ligavam nada.

Inês- Porque em vez de pensarmos as notas nós dizíamos “vais fazer o som disto, o som de carro, vais fazer o som...” e não dizíamos as notas.

Maria- Em vez de tens de tocar o Lá e não sei quê dizíamos “tens de te concentrar é neste som!”.

Eu- Mas foi preciso umas quantas sessões para chegarem a essa idéia.

3- O que entendem por banda sonora?

Maria- É a música que acompanha o filme ao longo do tempo que ele está a decorrer, há partes em que especifica mesmo o som e outras que não.

Eu- Então a banda sonora é a música e se eu falar em **sonoplastia**?

Inês- Aquilo que nós estávamos a falar das portas, dos passos.

Eu- Diz Rui.

Rui- Cadeiras a bater, portas, essas coisas.

Eu- Coisas que não são propriamente musicais, são os efeitos do filme.

4- O que é necessário para fazer uma composição musical para um filme?

Inês- Ter muita paciência!

Maria- Paciência. Tentar muitas, muitas vezes.\

Inês- E não desistir logo à primeira. Se nós tivéssemos desistido à primeira logo à primeira...

Maria- Estvamos tramados!

Eu- Tiago, o que é preciso para fazer uma composição para um filme?

Tiago- Trabalhar em conjunto.

Eu- Trabalhar em grupo?

Maria- Sim principalmente! Porque para ligar sons, só se fosse uma pessoa a fazer um som qualquer e “outra na dele não havia banda sonora”????

5- Quais os mecanismos expressivos que consideram mais importantes numa composição musical para um filme?

Maria- Mas depende do filme. Por exemplo para este há partes em que podemos usar agudos, na parte da neve, mas há partes em que fica bem o grave para dar suspense.

Eu- Mais coisas que num filme possa fazer sentido usar e que possa ser importante, como esses mecanismos expressivos. O que é que pode ser relevante, interessante utilizar?

Inês- A duração das notas. Algumas cenas do filme pedem notas mais curtas, que acabam logo, e outras notas que se prolongam.

Maria- Nós, por falar no tempo, nós a primeira vez que vimos o filme nós começámos logo a por “o xilofone entra aos 0 segundos e depois só sai aos 30, depois...”. Nós

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA FINAL 04 DEZEMBRO- GRUPO 1

contabilizamos os milésimos de segundo para cada instrumento. Está tudo no ??? caderno???

Inês- E depois ficou uma grande confusão!

Eu- Independentemente do que os instrumentos iriam tocar?

Inês- Pois! Nós pensámos mais no tempo, pensámos mais que a tanto tempo a Maria tinha de levantar-se e fazer não sei o quê. Depois, em vez de dizermos “Rui estás no xilofone quando acabar a neve toca esta nota, esta e esta”, não nós dissemos “aos 30 segundos começa a tocar e depois acabas” e não especificámos bem as coisas.

Maria- Depois começámos a percebermo-nos de que não estava bem...

Eu- Aquela questão que falámos em relação ao timbre, às alterações tímbricas, harmonia e realce tímbrico, acham que isso pode ter interesse também?

Inês- Sim!

Eu- Modificar às vezes, procurar alterar o som de um determinado instrumento ou procurar um efeito, acham que sim?

Maria- Sim.

6- Relativamente às experiências de improvisação anteriores (com outros indutores) o que acharam de trabalhar sobre os filmes?

Maria- A diferença é que nós estávamos, por exemplo, nós ali (aponta para o hall de entrada) tínhamos uns 5 ou 10 minutos para pensar. Era um “Dia de Chuva”, nós conseguimos definir mais ou menos o que ia acontecer e escolhemos logo os instrumentos lá fora. No filme tivemos oportunidade de experimentar e depois vemos os filmes muitas vezes. A imagem nunca vimos... e... eu não sei explicar!

Inês- A imagem estava parada então nós podíamos desenvolver mais a nossa imaginação. O filme é uma coisa que está a passar e nós temos de trabalhar muito dentro do filme. As imagens por exemplo, o professor quando fui eu pos uma imagem de um sol com o mar e nós decidimos fazer sobre o mar, decidimos esquecer o sol. No filme não!. No filme se nós esquecemos um elemento já não corre bem.

David- (Acena a cabeça afirmativamente)

Rui- Sim, é o que elas disseram)

(A Maria e a Inês largam-se a rir)

Maria- Vê professor! É sempre a mesma coisa!!

Eu- Temos de começar ao contrário. Da próxima vez serem elas a dizerem “o que eles disseram” para serem vocês a começar e elas podem ficar para o fim e dizer...

Maria- Vá começam vocês!!

7- Como avaliam a composição do vosso grupo? Porquê?

Maria- Nada!... Não estava bem.

Inês- Não estava bem. Ficou mal. Nós pensámos que ia dar certo e depois não deu.

Maria- Parecia uma cidade. Pareciam ruídos.

Inês- Parecia que nós estávamos ali... parecíamos obrigados!

Maria- Sempre a tocar a mesma coisa!

Inês- Não queríamos fazer aquilo.

Eu- E vocês (para os rapazes)? É aquilo que elas disseram?

Tiago- Sim!

(Risota geral)

Eu- Não pode ser a vida inteira assim.

Maria- É assim no trabalho! Eles ficam sempre assim.

Eu- Não pode ser assim Tiago.

Inês- Nós “Tiago gostas da cor?” e ele “Por mim tanto faz”.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA FINAL 04 DEZEMBRO- GRUPO 1

Eu- A idéia é tentar reunir as opiniões de toda a gente. É este momento em que vocês podem dizer “Não elas ou eles acham isto mas eu até acho outra coisa!”.

Maria- Eu acho graça à Inês é que, quando nós estamos a fazer, a pensar, ela não diz nada. Mas quando estamos a tocar é que ela diz “Ai tive esta idéia!”.

Inês- Então porque eu lembro-me! Quando nós estamos a tocar eu lembro-me!

Maria- Mas ela não disse. Então mas ela começa a dizer que a culpa é minha!

Inês- Porque se eu digo a ela ela começa logo a (faz o som como se estivesse a barafustar).

8- Que composição dos vossos colegas preferem? Porquê?

Maria- Aquele do “Amor”!

Inês- Eu gostei daquele em que a Beatriz... eu gostei também desse do da Beatriz Dias, que é quando ela faz o azevinho... e também gostei muito do da Beatriz Gonçalves porque ela sabia fazer aquilo então eles utilizaram essa vantagem.

Eu- Aquilo o quê?

Maria- Ela assobiar. Ela consegue fazer muitos sons.

Inês- Ela a fazer a voz do passarinho.

Maria- Ela consegue fazer grilo...

Inês- A sério, ela consegue fazer muitos sons!

Eu- Efeitos! Vocês estão a falar de efeitos. Imitar efeitos.

Inês- Sim. E eles aproveitaram isso. Há outros grupos em que há pessoas...

Maria- A Mónica a tocar violino.

Inês- Há outros grupos em que há pessoas com possibilidades e que sabem fazer coisas e que utilizam.

Eu- Mas agora isolando um bocadinho a questão dos efeitos, pensando na parte musical, mesmo na música, que vocês tenham ouvido e tenham dito assim “é pá isto há aqui assunto!”.

Tiago- Da Mónica (olha imediatamente para a Inês e para a Maria para ver se concordam)

Inês- O da Mónica sim!

Maria- O da Mónica!

Inês- O da Margarida também.

9- Como é que acham que o vosso grupo se organizou?

Maria- (Apontando para os rapazes) Eles estavam muito à parte.

Rui- Vimos o filme e depois começámos a pensar nos sons, tipo ali o jogo de sinos...

Eu- Mas distribuíram tarefas ou foi uma conversa, uma reunião, iam reunindo...

Tiago- Não. Primeiro estava eu e ele (o Rui) depois estavam eles os três (os restantes). Estávamos num computador e depois estavam elas as duas.

Inês- Nós íamos distribuindo, por exemplo, todos queriam ir para o computador então nós decidimos ia uma pessoa e depois ia outra (batem à porta)

Eu- Entre! (a Margarida abre a porta e explico-lhe que estamos atrasados)

Eu- Então numa primeira fase, porque estavam em computadores diferentes, estiveram um grupo de três mais um par...

Maria- Não, ao princípio... (a Inês interrompe-a)

Inês- Estávamos três a tratar do mapa... Eu estava a fazer aquilo mas ele perguntava, porque eu desenhei, “tu gostas? de que cor queres pintar?” e eles “tanto faz, tanto faz”.

Maria- Eu nesse dia estava um bocado à parte.

Inês- Estava um bocado distraída.

10- Todos os elementos do grupo contribuíram com ideias e sugestões?

Todos (com exceção do Tiago)- Sim!

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA FINAL 04 DEZEMBRO- GRUPO 1

Eu- Em todos os momentos, em todas as partes, todos estiveram...

Maria- O Tiago e o Rui foi mais para o fim!

Eu- Mais agora nas última vezes.

Inês- E a Maria, no dia em que fizemos o mapa, ela andava lá e abandonou-nos... deixou-nos a fazer ??? (discutem a atitude da Maria nesse dia)

Eu- Mas posso assumir que não houve uma questão de liderança de ninguém e que todos estiveram de igual... Foi uma coisa democrática? Ou seja, todos participaram igualmente e ninguém sentiu que “ah não...”.

Inês- Sim, por exemplo, eu disse ao Rui que nós escolhemos aquela melodia. O Rui disse que não gostava e a Maria começou logo aos berros a dizer que não, que tinha de fazer a melodia.

Maria- E depois eu apercebi-me que estava mal.

Inês- Depois eu disse assim à Maria “Maria calma, ele pode ter razão” e a Maria teve mais calma e já levou a opinião do Rui mais a sério.

Maria- Porque ele depois percebeu que nós estávamos a tentar com o xilofone que não ficava bem este e aquele (apontando para o xilofone e para o jogo de sinos)

11- Na vossa opinião quais os pontos positivos do funcionamento do grupo? E os negativos?

Inês- Nós acahamos que correu tudo bem.

Maria- Menos a parte inicial.

Eu- Todos pensam a mesma coisa. Correu tudo bem, não houve nada negativo?

Todos- Não.

Inês- Até nos divertimos. E foi fixe porque eu nunca tinha trabalhado com ele os três! (apontando para os rapazes)

Maria- Eu já com o Tiago Alves.

12- Como é que decidiram que idéias musicais deviam ficar na versão final da banda sonora?

Inês- Votámos!

Maria- Votámos!

Inês- Ainda bem!

Maria- E depois eles (para os rapazes) votavam mas... (hesitante)...

Eu- Diz!

Maria- Oh pá eles desligar, por exemplo, nos votávamos mas ele (o David) não votava.

Inês- Eles votavam só porque nós estávamos em mai... nós os três estávamos, eu, o David e a Maria estávamos a discutir uma coisa e depois decidíamos ir a votos, eu e a Maria votávamos numa coisa e eles votavam conosco só porque nós éramos mais do que o David. Porque eles não participaram muito nessa parte de dar a opinião.

Rui- Não me estou a lembrar...

Maria- Ali. (apontando lá para fora)

Rui- Onde, lá fora?

Maria- Sim lá fora.

Eu- O que eu chego à conclusão é que: todos participaram com idéias? Sim; todos colaboraram com sugestões? Sim; como é que chegaram às idéias finais? Votaram; todos votaram? (abano a cabeça em sinal de dúvida). Pelo menos em consciência todos votaram “acho que é esta idéia!”. Não propriamente pela questão do amigo ou da amiga, votaram em consciência de que a idéia musical que estava ali em votação era a melhor ou não era para o filme?

Rui- Sim.

13- Se voltassem a ter uma experiência (encomenda) deste género prefeririam compor sozinhos ou em grupo? Porquê?

Todos- Em grupo!

Maria- Porque sozinhos é muito mais difícil.

Inês- Por exemplo, eu tinha muitas idéias mas as idéias ficavam muito mal. As idéias que eu tinha ficavam muito mal! portanto se eu estivesse a fazer individual o meu trabalho não ia sair nada de jeito, mas como eu estou a fazer em grupo quando eu tinha uma idéia eles diziam que não podia ser assim.

Maria. E havia outro problema, nós esquecemo-nos que só tínhamos cinco pessoas e andámos...

Inês- Andámos a escolher instrumentos...

Maria- Tínhamos para aí uns dez instrumentos só para nós todos e ficou uma grande confusão.

Rui- Já. Tínhamos de andar a mudar de instrumento de uma lado para o outro. Tipo estávamos aqui e depois tínhamos de ir para ali...

Eu- Então definitivamente continuavam a manter a idéia de fazer em grupo?

David- (Acena a cabeça afirmativamente)

14- Durante a realização do trabalho de composição aprenderam algo de novo com algum dos outros elementos do grupo? O quê?

Inês- Eu aprendi com a Maria. Eu estava “Ah eu quero fazer isto, quero fazer isto, quero tocar este instrumento, quero tocar aquele instrumento, e queria só tocar aquele porque eu gosto daquele, não porque ficava bem no trabalho. Ela ensinou-me que nós não devemos tocar ou fazer qualquer coisa porque queremos, mas sim para fazer bem ao trabalho.

Eu- Mais? Até pode ser coisas pequenas tipo agarrar na baqueta.

Tiago- A Inês ensinou-me a tocar a guizeira!

Eu- Como é que se processou isso, o que é que ela te disse?

Tiago- Eu fazia...

Inês- Ele fazia tudo de seguida e eu comecei “dá tempo, espera um bocado” e depois ele não conseguia muito bem porque não estava habituado.

Maria- E o Tiago já começa a fazer melodia mesmo sem dizermos nada.

Eu- No xilofone?

Maria- Não, no metalofone.

Inês. Na guizeira eu dizia “faz assim: tã tã” e ele fazia tãtãtãtã (desordenado e muito mais rápido) e eu depois ensinei e ele teve mais calma.

Eu- A conseguir manter o ritmo definido durante mais tempo.

Inês- Sim.

Maria- Sim. Porque ele fazia era *tudo ao molho* .

Eu- Sem preocupação do ritmo...

Inês- E a Maria ensinou o Rui a por as baquetas direitas na mão.

Eu- Foi?

Rui- Eu tocava um bocado à frente de mais.

Inês- Ele fazia com as mãos mesmo a agarrar (faz o gesto de agarrar com demasiada força).

Rui- E às vezes quando eu ia a bater ficava lá ainda um bocado e depois é que soltava.

Eu- A placa não vibrava com deve ser e não saía o som certo.

Rui- Sim.

Eu- Mais alguma coisa que destaquem que tenha sido aprendizagem?

Maria- (Acena com a cabeça negativamente)